

A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL - NOTAS TEÓRICO-PRÁTICAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DESAFIADORA

Larissa de Oliveira Pedra

Pedagoga, Professora de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Capão do Leão, Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, Pós-graduanda em Psicopedagogia nos Processos de Ensino-Aprendizagem pelo Centro Universitário Claretiano. E-mail: larissadeoliveirapedra@gmail.com

A experiência aqui narrada ocorreu no ano de 2016, no período em que eu trabalhava com pré B (faixa etária entre 5 e 6 anos) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Darcy Ribeiro. Fui convidada pela então diretora da escola, Milca Vilela Rodrigues, a conhecer o projeto "Festival de Vídeo", uma parceria entre a UFPEl, na pessoa do professor Dr. Josias Pereira e da Secretaria Municipal de Educação de Capão do Leão. Tive bastante interesse, talvez por motivos pessoais ou pelo percurso acadêmico que tenho traçado em paralelo à docência ao longo de alguns anos, mas não sabia como seria possível produzir vídeos com crianças tão jovens. Na verdade, ficou implícito nos contatos nas oficinas que o projeto se destinava a alunos maiores. Contudo, curiosa e pensando que talvez

houvesse ali um fértil território a ser explorado na Educação Infantil, comecei a acompanhar as oficinas ministradas pelo professor Josias, acessar os materiais do blog e empreender, muitas vezes de forma solitária, esforços teórico-práticos para pensar e fazer vídeo estudantil na educação infantil. Cabe salientar que só foi possível avançar nessa caminhada com o apoio da minha diretora e do coordenador do projeto, que sempre me lembravam que era possível, sim, realizar aquilo que eu estava tentando idealizar.

Com o tempo, percebi que a produção e consumo de vídeos nada mais era do que uma relativamente nova linguagem na qual realizamos uma ação antiga e praticamente universal: ouvir e contar histórias. E nisso meus alunos eram bons. Eram ótimos. Na verdade,

eram excelentes. Apesar de poucas experiências registradas dentro da linguagem "vídeo", ouvir e contar histórias é algo culturalmente ligado aos estímulos investidos na infância e há ampla literatura científica sobre o tema (SILVA, 2015; GIROTTI, 2015). Dentro da sala de aula de onde narro essa experiência diversas ações já foram realizadas neste sentido, entre as quais poderíamos citar o contato com livros, a contação e recontação de histórias, os jogos teatrais, o uso de fantoches e as rodas de conversa.

As pesquisas e empreendimentos práticos em literatura infantil encontram-se bastante consolidados e seria possível citar diversas áreas que empreendem no tema: desde os estudos em linguística, alfabetização, antropologia, psicologia, neurociências... A lista é extensa. No recorte da minha experiência, fui bastante inspirada pelo trabalho de Mário e Diana Corso, um casal de psicanalistas porto-alegrenses que se debruçaram por anos sobre uma extensa pesquisa sobre a relação da criança com a ficção e as implicações inconscientes que se produzem a partir dessa. Os frutos desta pesquisa são extensos, e além da publicação de diversos artigos e realização de diversas palestras na área, entregam ao grande público os livros *Fadas no Divã - Psicanálise nas Histórias Infantis* (2006) e *A Psicanálise na Terra do Nunca - Ensaio Sobre*

a Fantasia (2011).

Para Corso & Corso (2011) somos, de certa forma, constituídos através da ficção. Segundo eles, conseguimos acessar a nós mesmos pela via da ficção. Dito em outras palavras "o discurso possível a respeito do que somos e que nos aflige será construído de histórias: são tentativas de estabelecer um sentido para a nossa existência e uma trama para sustentar nossos desejos" (Corso & Corso, 2011, p. 20). Sendo um pouco mais radicais e nos inspirando em autores do paradigma pós-representacional, que pensam e produzem a partir de autores como Deleuze e Foucault, chegamos a uma completa destruição do dualismo realidade X ficção. Segundo os filósofos franceses contemporâneos (citados por Pellejero, 2012), a assunção do paradoxo da realidade como ficção tensiona o conceito de verdade. De certa forma, é uma tarefa vazia tentar separar ficção e realidade no contemporâneo e muito mais frutífero seria assumir, de fato, que não se tratam de opostos.

Voltando para a sala de aula, dia após dia, e a cada momento conseguindo realizar mais agenciamentos entre aquilo que eu lia, aquilo que eu via e aquilo que eu fazia, estruturei a proposta a ser feita para os pais: "vou produzir um curta-metragem com os filhos de vocês, eles serão os roteiristas, produtores e atores, o que vocês acham disso?". Para a mi-

nha surpresa, a turma foi uníssona em aprovar a proposta e, preciso confessar que, pela primeira vez vi mães correndo atrás de mim com autorizações de imagem para projetos (e não o contrário). Também comecei a me indagar sobre essa espécie de primazia da sétima arte em detrimento das demais. Já sei que a ficção nos mobiliza por que nos construímos através dela, mas a pergunta que ainda ficou em aberto e que talvez mereça um empreendimento de pesquisa maior é: o que há no cinema que nos mobiliza mais do que as outras linguagens artísticas/ por que o cinema possui o impacto que possui em nossas vidas contemporâneas?

Sem dúvida, a reação dos pais em apoiar com tanta veemência este projeto pode estar ligada à glamourização da ocupação social dos atores, sobretudo da televisão. O prêmio do festival, uma viagem a Gramado também pode ter contribuído para a euforia. Fácil refutar o argumento observando outros aspectos que podem ter servido de condição de possibilidade para a reação dos pais, mas não é tão simples explicar o que ocorreu diretamente com as crianças.

Começamos o processo com o contato com oito personagens do folclore brasileiro. No início de cada uma das oito aulas eu lia uma das histórias, fazíamos atividades pedagógicas a partir do personagem e construíamos um palitoche (fantoche feito com um desenho

pintado em papel sulfite 180 gramas ou similar preso a um palito de churrasco que lhe permite mobilidade como um fantoche de vara) do personagem. Ao final, todos brincavam de inventar histórias e encená-las através do palitoche. Conforme a coleção de personagens foi crescendo, as histórias criadas foram se complexificando e as noções de início, meio e fim foram sendo desenvolvidas.

Cabe aqui um parêntese para falar de algo que aprendi no processo. Podemos tomar a noção de narrativa com início, meio e fim como uma espécie de pré-requisito para que a criança consiga participar da produção de vídeos estudantis. Então, isso quer dizer que uma criança que não compreenda a narrativa como um todo formado por partes não pode participar deste tipo de projeto? Claro que não! Quer dizer que crianças que ainda não tenham adquirido essa noção precisam de intervenções específicas do professor (e muitas vezes da própria turma) a fim de estimulá-la a compreender como as histórias são contadas e compreendidas.

Voltando ao relato da experiência, ao final das criações dos fantoches, lancei a proposta de criar uma história coletiva da turma para depois gravar em formato de vídeo. Já tínhamos conversado sobre o Festival de Vídeo (sobre fazer um filme), mas de forma um pouco mais distante da prática imediata. Escrever tex-

to coletivo também não era nenhuma novidade para a turma, que já era reconhecida na escola pela criatividade e fluidez verbal. Então, nesta parte do processo é que percebi que tinha muita coisa para dar certo nessa experiência.

Fiz com a turminha uma roda e chamamos a atividade de “reunião de produção”. Talvez eles já tenham visto isso em algum filme, porque tinham em si uma certa noção do que era uma reunião. Lembro que muitos deles pegaram a garrafinha de água para beber durante a reunião e que uns cobravam dos outros que não conversassem ou fizessem bagunça pois “não é assim que as pessoas se comportam em uma reunião”. Quando começamos a conversar sobre gêneros cinematográficos o brainstorm trouxe à tona noção de drama, comédia, romance, mistério e terror daquilo que eles já tinham experimentado como espectadores. Então, a turminha decidiu criar um romance-terror-comédia, e chegaram a enunciar que queriam fazer algo parecido com Scooby Doo. Estranhei a referência a um desenho do meu tempo de infância, mas descobri que essas crianças tinham, naquele momento, mais acesso à programação on demand do que via televisão aberta/a cabo e que, portanto, a temporalidade dos desenhos animados não é mais linear como há alguns anos atrás.

E nesta reunião surgiu a história que deu origem ao vídeo “o namorado misterioso”.

Fui escriba do processo, e tive que intervir poucas vezes em momentos de impasses na turma. Por exemplo, tivemos que fazer uma votação para escolher o nome dos personagens (não conseguimos consenso de outra forma) e para definir alguns pontos centrais na história: se a personagem morreria ou não, se o final seria feliz ou não e etc.

O resultado foi uma história incrível, que mesmo antes de ser gravada já mostrou todo o potencial que tinha. Lendo para as minhas colegas na sala dos professores, percebi o quanto a história era genial. Resumidamente: Uma menina entra nova na escola e conhece um menino. Se apaixonam, viram namorados e até aí tudo bem. Uma noite, passando por um local escuro: vê um lobo usando a roupa do namorado. Descobre o que namorado é um lobisomem e fica com muito medo de que ele a devore ou faça algum mal. Então, tem uma brilhante ideia: de dia namora o menino e à noite tem um lobinho de estimação, com quem brinca, passeia e alimenta. Final feliz.

A simplicidade e genialidade da narrativa me pareceram incríveis e por um certo tempo fiquei procurando referências de onde eles poderiam ter tirado aquela história. A Disney já estava investindo pesado no marketing de mais uma versão de “A Bela e a Fera” no ano em que “o namorado misterioso” foi escrito, mas há uma diferença fundamental

e bastante filosófica na narrativa dos meus alunos: a aceitação da ambivalência. Talvez (e só talvez, porque não passa de uma hipótese minha) essa aceitação da ambivalência tenha alguma influência em Frozen, um longa-metragem que meus alunos eram realmente muito fãs. Pode haver algo de novela Carrossel (SBT) nesta narrativa, este amor no ambiente escolar é bastante familiar para os expectadores da novelinha.

Mas, deixemos as especulações de lado e voltemos ao relato. As gravações aconteceram na escola. Comprei algumas barbas postiças em uma casa de festas e levei para a sala para a caracterização do lobo, e neste momento vários meteram a mão na massa, quer dizer, na cola e na barba, para fazer dar certo. Transformamos o texto em um roteiro pensando cada cena juntos e escolhendo os locais de gravação.

Gravamos toda a história em apenas dois dias, nas dependências da escola. Fui operadora da câmera em alguns momentos, e em outros os alunos assumiram este papel. Alguns alunos se destacaram mais na direção das cenas do que outros, mas todos estavam presentes na gravação de todas as cenas. O filme não tinha falas, pois optei por me arriscar um pouco menos ao escolher realizar um vídeo narração.

A narração foi gravada em turno inver-

so para aproveitar o horário mais silencioso da escola. A aluna que fez a narração é bastante adiantada em relação aos colegas e já estava lendo neste período (com 5 anos), porém, não com a fluência necessária para um texto tão longo. Para ter um resultado mais orgânico, fomos passando cena a cena e ela ia falando com suas palavras o que precisava ser dito, em um momento particular comigo. Como a aluna em questão adorava fazer de conta que estava lendo e também já era famosa por rebuscar a linguagem, tivemos um resultado bastante interessante.

Vídeo pronto, inscrição feita e chega a hora de divulgar os links para assistir e votar. Famílias muitíssimo orgulhosas, escola sentindo-se muito bem representada, reconhecimento que vinha de todos os lugares, de tantas pessoas que não podíamos imaginar que seriam alcançadas. O único vídeo de educação infantil produzido no I Festival de Vídeo de Capão do Leão já era sucesso muito antes do resultado da premiação.

Os alunos ficaram extremamente orgulhosos da experiência e transbordavam alegria sempre que falávamos sobre ela. Esperávamos ansiosamente a premiação, e muitos alunos sonhavam em viajar com a turminha para “Gamado”.

Chega a noite da premiação. Noite que merecia, sem dúvidas, um relato à parte. Noite

inspirada no Oscar, com muito bom humor, expectativa e reconhecimento dos trabalhos. Uma boa parte da turma compareceu à praça da cidade para acompanhar a cerimônia com seus filhos artistas. A turma torceu e vibrou a cada anúncio de prêmio. Foi uma noite inesquecível e muito emocionante para todos nós. A fim de deixar este texto mais intenso, peço licença para a petulância de citar a mim mesma, compartilhando mais uma vez o texto que escrevi no meu Facebook pessoal ao final desta noite, juntamente com as fotos das postagens:

Essa noite foi memorável tanto para mim quanto para os meus pequenos alunos do pré B 4.

O I Festival de Vídeo de Capão do Leão foi originalmente pensado para alunos maiores, que curtam a linguagem e possivelmente pensem em ser youtubers ou cineastas.

Mas os meus mini futuros youtubers/cineastas também conseguem!!! (Foi esse o mantra que encorajou, além da minha diretora me incentivando e dizendo que dá sim para fazer tudo).

Fomos a única turma de Educação Infantil a participar, e fomos finalistas em 5 categorias diferentes, trazendo para a escola o 2º lugar na categoria Melhor Roteiro, o 3º lugar na categoria melhor direção e uma Menção honrosa por nossa linguagem audiovisual.

Estamos muito orgulhosos!!

Mas isso todo mundo sabe, agora vamos para as coisas que poucos sabem sobre o “Namorado Misterioso”:

1) O texto e roteiro é deles, e apesar de não-alfabetizados são letradíssimos e consomem bastante ficção. Fomos criando coletivamente e eu, como escriba, não acredito até hoje no resultado que

eles alcançaram!

2) A máscara do lobisomem foi colada com durex (depois de várias tentativas menos dolorosas), mas foi o próprio Kallebe que sugeriu o durex e foi bem machão na hora de tirar;

3) Manuelle, a mocinha do filme gravou metade das cenas no dia em que retornou do afastamento de algumas semanas por causa de uma cirurgia de rim, e apesar de não ter participado da escrita do roteiro, deu um show de interpretação!! A atriz que faria o papel não deu conta e a Manu apareceu no dia certo para abrilhantar nosso curta;

4) Eles vibraram muito cada uma das três vezes em que foram chamados ao palco, mas ainda queriam “um troféu de verdade” e conhecer ‘Gamado’, “a terra do papai Noel”, alguns saíram chorando, mas sei que esse dia vai fazer parte da vida deles de uma forma muito positiva!

5) Gabriella, a narradora da história aprendeu a ler praticamente sozinha. Ela ainda tem 5 anos, e no vídeo não está lendo de verdade, mas ela já é mestre em pegar um livro e fazer todo mundo jurar que está lendo desde os 4 anos (ou menos).

6) A mãe da Manu com certeza tem uma porcentagem significativa nos 16 mil votos do festival, aparentemente, já temos fãs hehe;

7) Nossos artistas são multitarefas e já foram reconhecidos hoje por uma menina de outra escola, que perguntou se iríamos fazer o show do Cúmplices no palco principal;

8) A Prô ama vocês mais do que imaginam e tenho muito orgulho de vê-los crescendo tão depressa, aprendendo sempre um montão de coisas, mas estou sofrendo muito em ter que me despedir de vocês ainda neste mês, para que vocês continuem suas incipientes trajetórias de sucesso! Contem sempre comigo “santos diabinhos”, espero que esse ano de aventuras fique no coração de vocês como ficou no meu!

Sem conseguir explicar melhor como essa oportunidade passou pelas nossas rotinas, encerro este relato aqui, dando apenas notícias de que continuo acreditando nisto que descobrimos juntos e que terá sim vídeos da Educação Infantil no II Festival de Vídeo de Capão do Leão, com a intenção de que as experiências nos tragam mais e mais problemas de pesquisa para seguir qualificando a experiência docente na Educação Infantil. ■

REFERÊNCIAS

PELLEJERO, E. A.. A realidade da ficção, Uma aproximação a partir da filosofia francesa contemporânea. In: Congresso internacional fantasia & crítica, 2012, Ouro Preto. Fantasia & Crítica. Belo Horizonte: Edição da Abre, 2012. v. 1. p. 281-290.

SILVA, M. C. Literatura e infância: entre filosofia, história e “despropósitos”. In: Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 46, p. 197-210, jul./dez. 2015.

GIROTO, C.G.G.S. Literatura na Infância: a criança, o livro e a capacidade de ler. In: Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 34-52, set./dez. 2015.

CORSO, M & CORSO, D. A Psicanálise na Terra do Nunca - ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.

CORSO, M & CORSO, D. Fadas no Divã - a psicanálise nas Histórias Infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.